

# **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual.**

**Luciana Mielniczuk**  
**Doutoranda FACOM/UFBA**

**Marcos Palacios**  
**Professor Titular FACOM/UFBA**

## **1 Introdução**

A preocupação que baliza este texto é o formato da notícia na escrita hipertextual dos produtos jornalísticos disponibilizados na Web<sup>[1]</sup>. Para fins deste trabalho, a notícia será abordada como a narrativa de acontecimentos veiculados em sites de natureza jornalística na Internet. Discussões teóricas sobre o caráter da notícia jornalística não serão contempladas no momento.

Lendo um jornal, ouvindo um noticiário pelo rádio ou assistindo-o na televisão, o público já está acostumado com o formato da narrativa através do qual o fato noticiado lhes é apresentado. Ao longo da história desses veículos, nem sempre o formato foi o mesmo, ocorrendo evoluções e transformações. Na história do jornalismo impresso diário, por exemplo, observa-se a transformação de um produto com longos blocos de textos e poucas ilustrações para um formato no qual se utiliza blocos de textos menores, intercalados com um maior número de imagens, incluindo a fotografia e o uso da cor na impressão. Por fim, atualmente, adaptando a idéia do link hipertextual, observa-se, em algumas experiências, a utilização de pequenos quadros/boxes explicativos que são conectados, através de um fio, diretamente a uma palavra do texto principal. Esse recurso é utilizado, por exemplo, na revista *Veja*, na seção Hipertexto.

O hipertexto<sup>[2]</sup> utilizado no ambiente das redes telemáticas vai permitir em uma mesma tela a coexistência de textos, sons e imagens, tendo como elemento inovador a possibilidade de interconexão quase instantânea através de links, não só entre partes de um mesmo texto, mas entre textos fisicamente dispersos, localizados em diferentes suportes e arquivos integrantes da teia de informação constituída pela Web. Trata-se de um padrão de organização da informação até então não utilizado na narrativa jornalística, sendo essencial buscar-se na teoria do hipertexto, caminhos que possam subsidiar especulações sobre os formatos da narrativa jornalística nessa nova situação de sua produção e consumo.

Este artigo tem pretensões limitadas, priorizando a discussão, embasada por uma observação empírica, de um único elemento do universo do jornalismo hipertextual: o link. Como veremos adiante, tal escolha se fundamenta no fato de ser o link um elemento

---

<sup>[1]</sup> Utilizamos neste trabalho o termo 'Web' para designar a teia telemática mundial, da qual a Internet é a principal, porém não a única componente.

<sup>[2]</sup> Há uma discussão corrente (Silva Jr. 2000, Levy 1995, Landow 1995), que não será aprofundada aqui, acerca da inclusão ou não, no conceito de hipertexto, de informações que não sejam puramente escritas. É feita a distinção entre hipertexto (puramente escrito) e hipermídia (textos também sonoros e visuais). Adotamos aqui a posição de autores como Lévy (1995) e Landow (1995), não fazendo a distinção entre hipertexto e hipermídia, podendo o primeiro abarcar, além de textos escritos, também textos sonoros e visuais

essencial para a estruturação da narrativa jornalística no formato hipertextual, porém ainda não estudado sob a ótica utilizada neste trabalho. Nosso objetivo é estabelecer alguns pontos básicos, apontando para a importância do estudo do link para a compreensão do formato jornalístico online.

## **2. Redes Telemáticas e Jornalismo Online**

Utilizando o hipertexto e funcionando no ambiente das redes telemáticas, o jornalismo online<sup>3[3]</sup> passa a apresentar características diferenciadoras em relação aos formatos precedentes do texto jornalístico. Para Bardoel e Deuze (2000) são quatro as características do jornalismo online: hipertextualidade, multimídia, interatividade e personalização.

É evidente que nem todos esses elementos são novos. Com efeito, se buscamos entender o processo de transformação por que passa o jornalismo nesse novo formato, uma das palavras-chave dessa busca deve ser 'potencialização'. Características que podem ser identificadas em outros suportes (impresso, rádio, Tv) são estendidas e potencializadas na prática do jornalismo online.

A constatação desse fenômeno de potencialização deve posicionar o analista no sentido de buscar compreender como muda o formato da notícia (e portanto sua produção e consumo) e não apenas o formato do veículo. Muitas vezes, as definições das características são elaboradas contemplando somente a esfera da publicação enquanto um todo, ou seja enquanto suporte, e não incluem a perspectiva da notícia em si.

Veja-se o caso da interatividade: Bardoel e Deuze (2000) consideram que a notícia online possui a capacidade de fazer com que o leitor/usuário sinta-se parte do processo. Segundo eles, isto pode acontecer através da utilização de diversos recursos interativos como a troca de e-mails entre leitores e jornalistas, a disponibilização da opinião dos leitores em fóruns, os chats com jornalistas. Os autores, no entanto, não contemplam a perspectiva da interatividade no âmbito da própria notícia, ou seja, a navegação pelo hipertexto que, conforme Machado (1997), constitui também uma situação interativa.

No jornalismo online não se pode falar simplesmente em interatividade e sim em uma série de processos interativos. Adota-se o termo multi-interativo para designar o conjunto de processos que envolvem a situação do leitor de um jornal online. Entende-se que diante do computador conectado à Internet o usuário estabelece relações: a) com a máquina; b) com o a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas - seja autor ou outros leitores - através da máquina (Lemos, 1997, Mielniczuk, 1998).

Com relação à personalização, além de pensar a configuração dos produtos de acordo com os interesses individuais dos usuários, pode-se considerar que o fato do usuário percorrer seus próprios caminhos, optando entre os links disponíveis e construindo uma linearidade narrativa particular (Palacios, 1999), também caracteriza uma forma de personalização.

---

<sup>3[3]</sup> É possível estabelecer-se toda uma discussão sobre a nomenclatura a ser utilizada para caracterizar este novo tipo de prática jornalística: jornalismo online, jornalismo hipertextual, jornalismo digital na Web, etc, etc. Neste texto, sem entrarmos no mérito das diferentes posições, adotamos indistintamente os termos jornalismo online e jornalismo hipertextual para referirmo-nos a produtos jornalísticos veiculados nas redes telemáticas mundiais, especialmente a Internet.

Ao incluir a esfera da notícia nas definições de interatividade e de personalização, acaba-se por estender tais definições. E a partir desta ampliação, torna-se possível afirmar que as características de multimídia, de interatividade e de personalização são constitutivas da hipertextualidade. Pois essa última vai implicar na existência de textos escritos, sonoros e visuais, que estão organizados em blocos de informações interconectados. E a leitura será feita através da navegação interativa por estes caminhos. Cada leitor irá percorrer um caminho único (personalizado) ditado pelas suas escolhas entre as opções possíveis.

Cabe incluir uma quinta característica do jornalismo online (Palacios, 1999): a memória. Na Internet, o acúmulo de informações é mais viável técnica e economicamente do que em outras mídias, surgindo a possibilidade de armazenar e acessar com maior facilidade material disponibilizado anteriormente, tanto no momento da produção, quanto do consumo da informação jornalística. Os arquivos online são um recurso que muitos veículos já oferecem em suas versões hipertextuais.

Se é evidente que a maioria das características atribuídas ao jornalismo online são potencializações de elementos já existentes em suportes midiáticos anteriores, deve ficar claro, por outro lado, que há pelo menos um aspecto que efetivamente é uma absoluta novidade a partir do uso do hipertexto para a prática do jornalismo nas redes telemáticas: pela primeira vez na história confrontamo-nos com um processo de produção jornalística que, para efeitos práticos, não está sujeito às limitações de espaço (como no caso do jornalismo impresso) ou tempo (como nos casos do rádio e telejornalismo). A junção da hipertextualidade com a memória rompe os limites espaciais e temporais que foram, desde sempre, uma ‘marca essencial’ da prática jornalística em todos os seus suportes pré-telemáticos. Tal situação de ruptura força o teórico a debruçar-se sobre as especificidades dessa nova prática hipertextual

### 3. Hipertexto e Jornalismo Online

Apesar do alcance restrito deste trabalho, que pretende apenas iniciar a discussão sobre um dos aspectos específicos do uso do hipertexto no jornalismo, faz-se necessário, preliminarmente, esboçar ainda que rapidamente as características gerais desse tipo de prática de escrita.

Resgatando, mesmo que superficialmente, a definição de Theodor Nelson, autor da expressão, o hipertexto constitui-se em “uma escrita não seqüencial, num texto que se bifurca, que permite que o leitor escolha e que se leia melhor numa tela interativa. De acordo com a noção popular, trata-se de uma série de blocos de texto conectados entre si por nexos, que formam diferentes itinerários para o usuário” (Nelson *apud* Landow, 1995, p.15)<sup>4[4]</sup>. A partir desta definição detecta-se três elementos - blocos de textos; ligações entre eles; e meio digital/tela do computador - que vão dar sustentação a uma dinâmica particular de funcionamento do hipertexto no que diz respeito à organização das informações (escrita) e ao acesso das mesmas (leitura).

Segundo Lévy (1995) o hipertexto possui seis características básicas. Cabe dizer que o autor também as denomina de ‘princípios abstratos’ do hipertexto. Em linhas gerais, são eles: 1) **Princípio de metamorfose**,

---

<sup>4[4]</sup> Todos os textos originalmente em língua estrangeira foram por nós traduzidos para este trabalho.

que refere-se ao fato da rede hipertextual encontrar-se em constante construção e renegociação; 2) **Princípio de heterogeneidade** diz que os nós de uma rede hipertextual podem ser compostos de imagens, sons, palavras. 3) **Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas**, os nós ou conexões, podem ser eles mesmos uma rede de nós e conexões, sucessivamente; 4) **Princípio de exterioridade**, o crescimento e diminuição da rede, bem como sua composição e recomposição, dependem da adição ou subtração exterior de elementos ou conexões; 5) **Princípio de topologia**, o funcionamento ocorre por proximidade; 6) **Princípio de mobilidade dos centros**, os vários centros da rede são móveis, formando ao redor de si uma ramificação em estrutura de rizoma.

Landow (1997), ao trabalhar a teoria do hipertexto vai apresentar o que ele considera as características do hipertexto:

**Intertextualidade** - O hipertexto seria, essencialmente, um sistema intertextual, enfatizando uma intertextualidade que ficaria limitada nos textos em livros. As referências feitas a outros textos é potencializada no hipertexto através do recurso do link, que realiza as conexões entres os blocos de textos.

**Multivocalidade** - A idéia de multivocalidade está relacionada ao conceito de polifonia de Bakhtin: a possibilidade da existência de diversas vozes na narrativa literária. A fragmentação do texto em léxias favoreceria a multivocalidade, pois como explica Ladow, “a voz é sempre aquela distilada pela experiência combinada do foco momentâneo, a lexia que se está lendo, e da narrativa em contínua formação a partir da linha de leitura que o leitor segue” (1997, p. 36).

Ocasionalmente, ocorre uma certa confusão no conceito de multivocalidade devido à facilidade de elaboração de textos colaborativos no meio digital, podendo ser interpretado também como a possibilidade de co-autoria na redação dos textos. Fato esse que não deixa de ser pertinente, talvez por isso, o conceito de multivocalidade pudesse ser compreendido em relação a duas questões: a primeira, no sentido de múltiplas vozes, relativo à construção de uma narrativa literária e, em segundo, num sentido mais operacional, relacionado com a cooperação de vários autores para a criação de um mesmo texto ou narrativa.

**Descentralização** - Esta característica refere-se ao fato de que, ao contrário dos textos impressos que propõem um centro, oferecem uma ordem para a leitura (que pode ou não ser obedecida pelo leitor), o hipertexto enquanto uma malha de blocos de textos interconectados oferece a possibilidade de movimentos de descentramento e recentramento contínuos. É o leitor, através dos seus caminhos de leitura, que vai elegendo temporariamente os sucessivos centros.

**Rizoma** - É um conceito desenvolvido por Deleuze e Guatarri, no livro intitulado *Mil Platôs*. Os autores utilizam a metáfora de um tipo de vegetação aquática, que se desenvolve na superfície da água, não possuindo tronco ou caule, ela é totalmente ramificada. Segundo Landow (1997) o rizoma opõe-se a idéia de hierarquia, pois ao contrário da estrutura de uma árvore, um rizoma, em tese, pode conectar qualquer ponto a qualquer outro ponto, oferecendo muitos começos e muitos fins.

**Intratextualidade** - Esta característica é citada por Landow (1995, p. 53) e refere-se às ligações internas estabelecidas entre léxias dentro do mesmo sistema ou site.

É interessante observar que Lévy pensa o hipertexto como um mero recurso, uma tecnologia da escrita, enquanto Landow discorre sobre as características do hipertexto já pensando-o como uma possibilidade da escrita (hipertextual) literária. Mesmo partindo de

perspectivas diferentes, as caracterizações propostas por ambos autores estão bastante próximas. Silva Jr. (2000) propõe correlações entre as características trazidas por Landow e os princípios apontados por Lévy:

Landow	Lévy
intertextualidade	<-----> exterioridade / topologia / metamorfose
multivocalidade	<-----> Heterogeneidade
descentralidade	<-----> mobilidade dos centros
rizoma	<-----> multiplicidade de encaixe das escalas

**FIGURA 1** - Relações estabelecidas entre características apontadas por Landow (1997) e princípios definidos por Lévy (1995).

Silva Jr. não estabelece relação alguma com o princípio da metamorfose, no entanto, considera-se que ele está relacionado com a característica da intertextualidade. Tal associação é de responsabilidade do presente texto.

#### 4. Link: um elemento paratextual

A fragmentação do texto ao longo da história é uma tendência apontada por diversos autores, entre eles Landow (1995), Mouillaud (1997) e Gouazé (1999). Landow remete às diferenças entre a forma da escrita manuscrita e a forma que a escrita impressa adquiriu com o passar dos tempos:

“ Eles tinham acesso a textos tão diferentes dos nossos que a mera sugestão de que pudéssemos compartilhar a mesma experiência de ‘leitura’ é equivocada. Os leitores da época de Platão, Virgílio ou Santo Agostinho processavam textos sem espaço entre as palavras, sem letras maiúsculas nem pontuação. Se estas frases tivessem sido lidas mil e quinhentos anos antes, teriam este aspecto:  
 elestinhamacessoatextostãodiferentesdosnossosqueamerasugestãodequepu  
 déssemoscompartilharamesmaexperiêncialeituraéequivocadaosleitoresd  
 aépocadeplatãovirgílioousantoagostinhoprocessavamtextossemespaçoentr  
 easpalavrassemletrasmaiúsculasnempontuaçãoseestasfrasestivessemsidoli  
 dasmilequinhentosanosantesteriamesteaspecto” (Landow, 1995, p. 75).

Fazendo referência à evolução do jornal, Mouillaud (1997) observa que no final no século XIX, quando, mesmo no jornalismo impresso, predominava a escrita literária e política, os textos longos faziam os jornais terem um aspecto pesado e cinzento. A necessidade de narrar fatos do cotidiano fragmentou a escrita na imprensa. Os textos curtos e heterogêneos, que passaram a compor o jornal, não respeitavam mais uma ordem do discurso e sim a ordem da diagramação.

Comparando o livro e o jornal, Gouazé (1999) chama a atenção para o fato de que o jornal possui uma forma de apresentação fragmentada, como um mosaico. A forma da escritura se dá através de artigos e títulos distribuídos nas diferentes partes do jornal.

Pode-se afirmar que a escrita hipertextual oferece possibilidades que acabam por acentuar a fragmentação textual. Porém, é importante frisar que o hipertexto, enquanto recurso técnico, não determina essa fragmentação. O hipertexto, enquanto recurso de escrita, pode ser utilizado para diversas formas, com diferentes finalidades. Assim sendo, pode-se encontrar, talvez, um texto impresso - um jornal, por exemplo - cujo texto seja mais fragmentado que um outro texto em hipertexto digital.

É interessante observar este movimento de fragmentação pelo qual o texto passa ao longo da história. Se formos pensar que a Biblioteca de Alexandria era constituída de volumes cujas páginas eram tabuinhas, pode-se pensar em textos fragmentados, organizados em grupos e conectados (presos) por cordas. Depois vieram os pergaminhos, permitindo o armazenamento de blocos maiores. Estes, mais tarde foram retalhados para formar páginas que eram agrupadas em códices. Mesmo assim, uma obra mantinha uma certa unicidade, estabelecida pelo suporte livro. A seguir, no suporte jornal, ocorreram as transformações do texto abordadas anteriormente.

Pois bem, de certa maneira, voltamos aos blocos de textos fragmentados como eram na época das tabuinhas de madeira ou de argila. Só que agora a moldura é a tela do computador; no lugar do texto ser manuscrito, ele é digitalizado; e as ligações entre os blocos de textos é feita por links.

Acredita-se que o link é o elemento realmente inovador apresentado pelo hipertexto em suporte digital. Essa afirmação está calcada, principalmente, em dois motivos que estão relacionados, um deles, com a característica da intertextualidade, e o outro com a características da multimídia.

Em primeiro lugar, mesmo sem utilizar o termo hipertexto e o suporte digital, já haviam sido realizadas experimentações literárias<sup>5[5]</sup>, narrativas não-lineares ou que utilizavam muito a intertextualidade. A novidade do hipertexto digital, então, não está na não-linearidade ou na intertextualidade em si mesmas, mas no link, o recurso técnico que vai potencializar a utilização de tais características.

O outro motivo, relacionado à característica da multimídia, refere-se a utilização concomitante de códigos de várias mídias, fato que não é inédito. Essa convergência foi acontecendo gradativamente e a televisão já nos apresenta a possibilidade de imagens, sons e texto escrito. Novamente volta-se ao link: o fator inovador está relacionado com a forma de organização (léxias) e formatação (interconexão) da informação.

Justifica-se, dessa forma, o interesse especial nesse elemento constitutivo do hipertexto, o link.

---

<sup>5[5]</sup> Entre as obras que podem ser citadas estão: *O jogo de amarelinha*, Júlio Cortázar; *Se um viajante numa noite de inverno*, Ítalo Calvino; *O jardim dos caminhos que se bifurcam*, Jorge Luis Borges.

Uma outra razão que justifica ainda tamanha preocupação com o link é apontada por Gouazé e refere-se à idéia de dispositivos<sup>6[6]</sup>, desenvolvida por Foucault (1987). Segundo Gouazé (1999), o jornal, com sua forma textual de apresentação fragmentada, é o modo através do qual a atualidade é apresentada e é assim que ele, o jornal, constitui-se em uma unidade. A forma do jornal seria a condição de existência da atualidade. Sendo assim, a escrita sobre a página do jornal é um dispositivo produtor de sentido: a atualidade.

Mouillaud (1997) irá dizer que, no jornal atual, há uma série de dispositivos imbricados: o produto jornal é constituído de vários elementos (dispositivos), que em conjunto formam o dispositivo do jornal impresso, e, por sua vez, trará uma série de implicações para os processos de comunicação que se dão em torno ou a partir deste veículo. Seguindo a linha de raciocínio desses autores, conclui-se que no jornalismo da Web, o link é um desses elementos (dispositivos) formantes do conjunto de dispositivos que constituem o dispositivo/produto.

Surge, então, uma questão: como estudar o link? A partir de qual referencial é possível abordar a questão do link, não só enquanto um elemento constitutivo do hipertexto, mas também como um elemento chave da narrativa jornalística hipertextual. Uma possível solução aponta para o conceito de paratexto, desenvolvido por Gerard Genette, conceito esse também trazido da literatura.

Nas palavras do autor:

“Um trabalho literário consiste, inteiramente ou essencialmente, de um texto, definido (muito minimamente) como uma seqüência mais ou menos longa de declarações verbais que são mais ou menos dotadas de significação. Mas tal texto é raramente apresentado sem estar adornado, reforçado e acompanhado de um certo número de outras produções, verbais ou não, tais como o nome do autor, um título, um prefácio, ilustrações. E apesar de que nós nem sempre saibamos se essas produções devem ou não ser vistas como pertencendo ao texto, em todo o caso elas rodeiam o texto e o estendem, precisamente para *apresentá-lo*, no sentido usual deste verbo, e num sentido mais forte: *fazer presente*, garantir a presença do texto no mundo, sua `recepção' e consumo sob a forma (atualmente, pelo menos) de um livro. Esse tipo de produção, que varia em extensão e aparência, constitui o que eu chamei (...) de *paratexto* (...). O *paratexto* é aquilo que permite que o texto se torne um livro e seja oferecido enquanto tal para seus leitores e para o público de um modo geral (...) (Genette, 1997, p. 1, grifos do autor).

Os paratextos seriam os textos que acompanham, envolvem, delimitam o texto principal. Corresponderiam a uma zona de transição e de transação entre o texto (para o

---

<sup>6[6]</sup> Foucault (1999), para explicar a idéia de dispositivo, recorre ao exemplo do panóptico: uma estrutura arquitetônica de prisão, circular, na qual as celas ficam dispostas nas bordas do círculo. A partir das celas, um preso não consegue enxergar os outros presos em celas ao seu lado, tampouco enxergam o vigia, localizado em uma guarita alta situada no centro da circunferência. Independente da presença ou não do vigia, este tipo de construção cria a sensação de permanente controle, imposta pelo restrito campo de visão permitido aos presidiários. O panóptico, muito mais do que uma estrutura física, funciona como um dispositivo que é imposto aos personagens da situação, proporcionando a sujeição destes a uma certa lógica de funcionamento, neste caso específico, à lógica de controle.

autor, especificamente o livro) e o leitor. Para exemplificar, o autor pergunta como identificar um livro? Como vamos ler *Ulisses*, de Joyce, se não há no volume o título? Como vamos saber que aquele volume corresponde a tal obra? Ele compara, ainda, o paratexto à sala de espera de um cinema antigo: seria a região de transição entre um ambiente escuro, a sala de projeção, e o burburinho da rua.

Trata-se de uma zona de transição pois é a partir do paratexto que o leitor ‘entra’ no texto e transação pois é através do paratexto que o leitor elege o texto. Como explica Babo:

“ao conjunto de elementos que se encontram no limite do texto, estabelecendo-lhe a fronteira e instaurando o livro como configuração comunicacional da textualidade, chama-se paratexto (...) Os mais marcantes elementos do paratexto são o título e a assinatura. Mais do que delimitarem o texto, concedendo-lhe a referência de origem - o nome do autor - e o seu próprio - o título -, estes elementos fundam a própria noção de obra. São pois elementos de ligação que apresentam a obra, preenchendo a distância que se cria entre o texto e o leitor.” (1999, p. 417).

Em *Paratext: thresholds of interpretation*, Genette faz um inventário sobre elementos paratextuais, dedicando um capítulo a cada um deles. O autor admite ter deixado de fora do seu livro três práticas paratextuais, pois o estudo delas demandaria um trabalho muito grande para serem incluídas neste mesmo livro. São elas: a tradução, as publicações seriadas e as ilustrações. Ele também admite a existência de paratextos em áreas fora da literatura e propõe que se estenda o termo para áreas nas quais o trabalho não consiste em um texto. Cita, por exemplo, a música e as artes plásticas.

Concluindo, pode-se dizer que todo o texto, seja ele em livros, jornais, revistas, cartas, são envoltos por um paratexto “que é um discurso transtextual o qual permite ao texto manifestar-se publicamente como exemplar de uma série e de inserir-se em uma situação de comunicação definida” (Gouazé, 1999). Ele considera o paratexto como um dispositivo do texto escrito.

Genette (1997) aponta para o fato de que o paratexto evolui constantemente, de acordo com o período histórico, contexto cultural, gênero literário. Já Babo, discorrendo sobre o hiperlivro, diz que “o hiperlivro não mata o livro, mas suspende-lhes os contornos, desfaz-lhes os limites, reorganiza e reformula-lhe o paratexto” (1999, p. 416). E Gouazé (1999), referindo-se à história do escrito, afirma que o texto, desde o pergaminho até a tela, passa por um processo de fragmentação e conseqüente crescimento do paratexto, conforme a seguinte ilustração:

### • • LIVRO

paratexto	Texto
-----------	-------

### • • JORNAL

Paratexto	Texto
-----------	-------

### • • TELA

Paratexto	Texto
-----------	-------



## FIGURA 2 - O crescimento do paratexto nos dispositivos livro, jornal e tela.

Constata-se então:

- a) que os elementos paratextuais são passíveis de sofrerem modificações ao longo do tempo de acordo com o contexto;
- b) que o hipertexto é um fator que desencadeia alterações no paratexto;
- c) que o suporte altera a relação entre texto e paratexto.

Com base nas colocações desses autores defende-se a idéia de que o link é um elemento paratextual da escrita em hipertexto. Talvez não o único, mas o que se apresenta com maior evidência na atual fase do jornalismo desenvolvido para a Web. Em síntese, o paratexto seria um elemento que exerce as seguintes funções:

- a) faz uma apresentação do texto principal;
- b) é o elemento de negociação (transação) entre leitor e texto;
- c) tem a função de realizar a transição entre o mundo do leitor e o mundo do texto;
- d) o paratexto está situado nas fronteiras do texto, estabelecendo-lhe os limites.

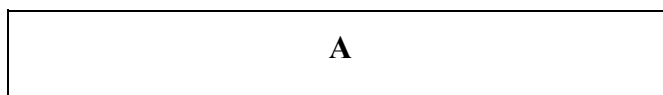
No início do texto foi colocado que a discussão proposta seria subsidiada por uma observação empírica. No próximo tópico, então, a partir do acompanhamento de um produto jornalístico desenvolvido para a Web, o *Último Segundo*, pretende-se ilustrar e endossar a afirmação de que o link é um elemento paratextual.

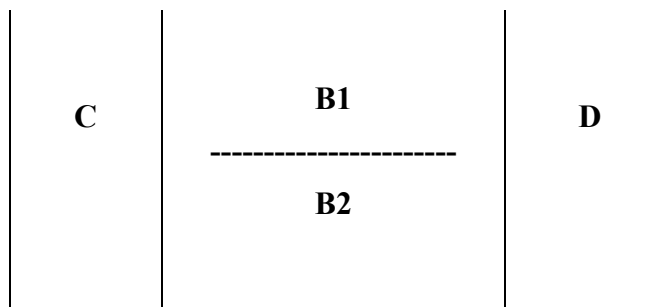
### 5. Ilustrando os conceitos

O *Último Segundo* ([www.ultimosegundo.com.br](http://www.ultimosegundo.com.br)) é um jornal desenvolvido exclusivamente para a Web, hospedado no portal *iG* ([www.ig.com.br](http://www.ig.com.br)), a primeira iniciativa a oferecer acesso gratuito à Internet no Brasil. Diferente dos jornais que ‘derivam’ de uma versão impressa, a equipe do *US* trabalha exclusivamente para o produto jornalístico na Web.

O *US* foi lançado, juntamente com o portal, no segundo semestre de 1999 e, na época, foi uma iniciativa empresarial que não contava com a participação acionária de empresa proprietária de veículo de comunicação. Posteriormente, a Bandeirantes passou a fazer parte do grupo que mantém o *iG*. Mesmo assim, é um caso específico no Brasil, por tratar-se de uma empresa de televisão e não de jornalismo impresso como acontecia até então nas investidas jornalísticas na Internet.

A primeira página do *US* está claramente dividida em quatro zonas, conforme o esquema:





**FIGURA 3** - Espelho da primeira página do *US*.

A **Zona A** corresponde ao cabeçalho do produto, contendo o nome do jornal, o nome do portal e links para outras seções do portal.

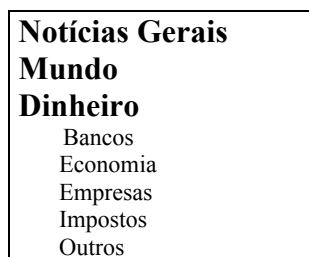
Subdividida em duas, a **Zona B**, é dedicada às notícias e apresenta apenas links intratextuais. Na parte superior (**B1**), há pequenos blocos de textos, em torno de cinco ou seis; na parte inferior (**B2**) são colocados apenas os títulos das notícias mais antigas. Cada bloco de texto possui um link, no final, denominado Leia mais. No caso das notícias em que aparece somente o título, ele mesmo é um link (este título também é seguido pelo link da editoria a qual a matéria pertence).

Através dos blocos de textos, nessa zona fica evidente que aqui estão os centros propostos, dentro da malha textual, para o início da leitura das notícias. Esses blocos de textos e links referem-se às notícias mais atuais.

A estrutura dessa região é mantida nos outros níveis de navegação, muda apenas a temática das notícias que será correspondente a cada editoria. Dentro das editorias, a subzona **B2**, pode ser novamente dividida: 1) apresentando links relacionados à matéria que está em destaque (o centro eleito); 2) apresentando os outros títulos da mesma editoria.

A **Zona C** é constituída prioritariamente por links intratextuais<sup>7[7]</sup>, são conexões para as editorias do jornal: Notícias Gerais, Mundo, Dinheiro, Eleições EUA, Finanças, Futebol, TodoEsporte, Mundo Virtual, Cultura, Bem-Estar, Palavra do Leitor, iG.COM, Vestibular, Colunistas, Melhores Reportagens. Há dois links externos, apontando para a BBC e Bloomberg, agências com as quais o *US* mantém contrato.

Essa zona mantém-se praticamente igual durante a navegação. Ao entrar num segundo nível, por exemplo, clicando numa determinada notícia e automaticamente entrando da editoria correspondente, a única coisa que muda é o detalhamento dos itens que integram a editoria. Observe, na figura, o exemplo da editoria Dinheiro:



<sup>7[7]</sup> Considera-se link intratextual, o que fica no universo do jornal. Os links que remetem para o portal e para outros sites são considerados intertextuais.

<b>Eleições EUA</b>
<b>Finanças</b>
<b>Futebol</b>
<b>TodoEsporte</b>
<b>Mundo Virtual</b>
<b>Cultura</b>
<b>Bem-Estar</b>
<b>Palavra do Leitor</b>
<b>iG.COM</b>
<b>Vestibular</b>
<b>Colunistas</b>
<b>Melhores</b>
<b>Reportagens</b>

**FIGURA 4 - Zona C**, dentro da editoria Dinheiro.

Por enquanto, o único indício de utilização da característica de multivocalidade ocorre no seção Palavra do Leitor, que se trata de um painel em tamanho ampliado das seções correlatas nos jornais impressos.

A **Zona D**, caracteriza-se pelo uso de links intertextuais, apontado para fora do jornal, seja para o portal do *iG*, para outros sites ou para publicidade. Ela está subdividida em várias regiões a depender do nível de navegação e da editoria escolhida. Essa zona vai apresentar links de serviços, como informações sobre trânsito, cotação do dólar, cotação de bolsa de valores, loterias, etc. Também vai oferecer links para sites externos relacionados com o material jornalístico. Por exemplo, na editoria Bem-estar, há links apontando para sites de revistas científicas, sociedades médicas, conselhos, entre outras opções.

A descrição realizada faz um mapeamento genérico dos links existentes e do formato de organização e apresentação das informações disponibilizadas pelo *US*. É possível concluir que: **a)** que em uma tela<sup>8[8]</sup> do *US*, há muito mais links do que propriamente blocos de textos, confirmando as colocações de Gouazé apresentadas na Figura 2; **b)** a estrutura rizomática só é explorada no terceiro nível de navegação, dentro da mesma seção de uma editoria. Só então qualquer léxia será conectada a qualquer outra léxia e a multilinearidade realmente explorada; **c)** constata-se também que uso de recursos em multimídia é escasso, havendo poucas fotografias, geralmente, uma por matéria. Vídeo e material sonoro não foram encontrados.

Quanto ao link, especificamente, cabe agora fazer as indagações pertinentes para verificar se ele exerce as funções atribuídas ao paratexto, para então ele ser considerado como tal. Antes de retomar às funções do paratexto, cabe esclarecer que está sendo considerado como texto principal a notícia, que no caso do *US*, aparece de forma resumida no primeiro e segundo níveis e na íntegra apenas no terceiro nível. Então, retomando:

---

<sup>8[8]</sup> Uma tela corresponde à informação contida em um arquivo; é a moldura de uma léxia. Pode ser necessário utilizar a barra de rolagem do navegador, e por este motivo, não corresponde à moldura da tela do computador.

**a) O link faz uma apresentação do texto principal?** Aparentemente sim. No *US* título e link passam a ser um só elemento. O título passa a exercer a função do link e o link a do título. Logo, se o título é considerado um elemento paratextual, não há razões para o link não ser considerado também um elemento paratextual.

**b) O link é o elemento de negociação (transação) entre leitor e texto?** Sim, pois é através do link que o leitor vai eleger a próxima léxia, bloco de texto ou, ainda, a notícia. Estando o leitor no centro eleito, como ele irá eleger e deslocar-se até o próximo centro? Isso acontecerá pela avaliação/negociação feita através do link. Esta negociação tem a ver com o link também enquanto título.

Vale lembrar o exemplo elaborado por Genette (1999): como vamos ler *Ulisses*, escolher este livro, dentre tantos na estante se não há na lombada do volume o título da obra e o nome do autor? Transpondo para a estrutura hipertextual: como é possível escolher o próximo texto senão através do link?

**c) O link tem a função de realizar a transição entre o mundo do leitor e o mundo do texto?** Novamente sim, além de viabilizar a negociação, é o link que vai operacionalizar essa escolha. E aqui a função de transição é ampliada, para o âmbito do hipertexto, possibilitando a passagem entre os textos durante a navegação.

**d) O link está situado nas fronteiras do texto, estabelecendo-lhe os limites?** Mais uma vez a resposta é sim. A notícia é emoldurada pelos links. Ao mesmo tempo em que os links a cercam, esta moldura funciona como zona de contato possibilitando a transição entre os textos.

Evidentemente muitas questões ficaram de fora, nesta primeira abordagem do lugar do link na escrita jornalística hipertextual. Uma delas, a ser posteriormente examinada, seria a proposição de mais uma função para o elemento paratextual: a de complementar o texto principal. Sendo assim, a partir do princípio da descentralidade pode-se ter léxias cujo ‘status’ é modificável, elas podem ser texto principal ou paratexto, a depender do movimento de centralização e recentralização realizado pelo leitor. Igualmente importante seria uma análise dos elementos paralinguísticos constitutivos do link (corpo, tipo, cor, animação, etc) e seu funcionamento em diferentes contextos de estruturação da notícia.

Ao fazer essa leitura ilustrada dos conceitos teóricos trabalhados anteriormente, pretendeu-se fundamentar empiricamente a afirmação de que, além de ser um elemento essencial na escrita hipertextual, o link pode ser considerado um elemento com funções paratextuais. Examinando-o desde tal perspectiva, buscamos acrescentar uma dimensão enriquecedora do estudo do formato da notícia no jornalismo online, facilitando um melhor entendimento dos novos mecanismos e dispositivos que estão sendo criados e acionados no contexto das novas ambiências do trabalho jornalístico e das novas tecnologias que o impulsionam.

## Bibliografia

- BABO, Maria Augusta. O hiperlivro: ainda um livro?. **In:** Revista de Comunicações e Linguagens, 25-26, 1998.
- BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. **Network Journalism**, <http://home.pscw.uva.nl/deuze/publ9.htm>.
- BARTHES, Roland. **Análise Estrutural da Narrativa**. 4a. ed. Petropolis: Vozes, 1971.
- CASALEGNO, Federico. **Hiperliteratura, sociedades hipertextuais e ambientes comunicacionais**, <http://ultra.pucrs.br/famecos/rf9federico.htm>
- CAPPARELLI, Sérgio; LONGHI, Raquel R. Ficção em Hipertexto: entre Gertrud Stein e Chico Xavier. **In:** Tendências da comunicação. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GASPARI, Elio. Jornalismo sem repórter é uma catástrofe. **In:** Folha de S. Paulo, p. A15, 09.11.2000.
- GENETTE, Gérard. **The Proustian Paratexte**, [http://substance.arts.uwo.ca/56/56gene~1\\_R.html](http://substance.arts.uwo.ca/56/56gene~1_R.html)
- GENETTE, Gérard; LEWIN, Jane E. **Paratexts: Threshold of Interpretation (literature, Culture, Theory)**. Cambridge: Univ. Pr., 1997.
- GOUAZÉ, Jean. **Os Dispositivos da Comunicação**. Palestra proferida na FACOM/UFBA, Salvador, Brasil, em 25.10.1999
- HARPOLD, Terry. **The Contingencies if the Hypertext Link**, <http://www.lcc.gatech.edu/~harpold/papers/contingencies>
- LEMONS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais**, <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>.
- LIESTOL, Gunnar. Wittgenstein, Genette y la narrativa del lector en el hipertexto. **In:** LANDOW, George (org.) Teoría del Hipertexto. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- LANDOW, George. **Hipertexto: la convergência de la teoría crítica contemporánea y la tecnologia**. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- LANDOW, George. **Hypertext 2: the convergence of contemporary critical theory and technology**. Baltimore: The Johns Hopkins, 1997.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LONGHI, Raquel. **Metáforas e Labirintos: A Narrativa em Hipertexto na Internet**. (Dissertação de Mestrado). UFRGS/PPGCOM, Porto Alegre, 1998.
- MACHADO, Arlindo. Hiperfíndia: o labirinto como metáfora. **In:** DOMINGUES, Diana. (org.) A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- MOURÃO, José Augusto. Tecnologia e literatura: as máquinas textuais De F. Laruelle a Landow. **In:** Revista de Comunicações e Linguagens, 25-26, 1998.
- MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo online e os espaços do leitor: um estudo e caso do NetEstado**. (Dissertação de Mestrado). UFRGS/PPGCOM, Porto Alegre, 1998.

- MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.) **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- PALACIOS, Marcos. **O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21.09.1999.
- PALACIOS, Marcos. **Hipertexto, fechamento e uso do conceito de não-linearidade discursiva**, <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/hipertexto.html>
- PARENTE, André. **O hipertextual**, <http://ultra.pucrs.br/famecos/10-17.html>.
- SCHULTZ, Tanjev. **Interactive Options in Online Journalism**, <http://www.ascusc.org/jcmc/vol5/issue1/schultz.html>.
- SILVA, Luís Martins da. Imprensa, Discurso e Interatividade. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- SILVA JR. José Afonso. **Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo**. (Dissertação de mestrado), Facom/UFBA, 2000.